

[teatromosca]



Sabemos agora que um texto não é feito de uma linha de palavras, libertando um sentido único, de certo modo teológico (que seria a «mensagem» do Autor-Deus), mas um espaço de dimensões múltiplas, onde se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma das quais é original: o texto é um tecido de citações, com origem nos inumeráveis centros da cultura.

«A Morte do Autor», **Roland Barthes**

A BALEIA BRANCA

Narrativa de aventuras para alguns, epopeia metafísica para outros, «Moby-Dick», de Herman Melville, pode ser resumida como a história de uma viagem de caça à baleia, um estudo sobre a obsessão e a vingança e como estes traços dominantes se tornam a ruína do homem. Uma narrativa fragmentada, em certo modo, desordenada, dinâmica, entretecendo diferentes modos literários: conto, sátira, drama, ensaio, enciclopédia, crónica, lírica... Numa primeira fase do texto (e aqui serve-nos tão bem a teoria cíclica da História tal como foi desenhada por Vico!), acompanhamos o narrador Ismael nos preparativos para a viagem. É o tempo dos mitos, dos monstros e em que a luz vai rasgando as trevas primordiais. Naquilo que podemos considerar a segunda parte, um tempo dos heróis, a bordo do navio Pequod, Ismael abandona o papel central da narrativa e o foco é deslocado para Ahab e para a sua perseguição à Baleia Branca. E é tão interessante que os heróis desta grande narrativa fundadora dos EUA sejam marinheiros, arpoadores, ferreiros, cozinheiros, loucos tamborileiros, comandados por um influente capitão monomaniaco! Num terceiro momento, Ahab parece medir forças com o segundo oficial do Pequod, o racional e prudente Starbuck. No entanto, no derradeiro andamento do texto, é já inevitável o confronto destruidor com a Baleia Branca, que terminará de forma caótica, com a morte do Capitão Ahab e de toda a tripulação do Pequod, à exceção de Ismael. Terminada a saga marítima fica esboçada uma nova viagem (*il ricorso*), em que Ismael, num gesto maneirista ao melhor jeito de Shakespeare, é recuperado como narrador.

O NASCIMENTO DO LEITOR-ESPETADOR

Mas Herman Melville está morto. Isso já todos sabemos. Morreu juntamente com Ahab, Contudo, não é sobre isso que fala Barthes ao referir-se à «morte do autor». O que ele nos diz é que a morte do autor permite o «nascimento do leitor». O texto escrito abre-se a novas interpretações, a diferentes leituras. Há alguns anos que venho fazendo um caminho com as minhas encenações para o *teatromosca* focado na adaptação de textos narrativos para o palco. Não me interessa ilustrar aquilo que não está ilustrado, clarificar o que está na sombra ou desvendar o que deve permanecer um enigma. Por outro lado, não pretendo autopsiar o cadáver (o texto está tão morto como o seu autor!) para, posteriormente, lhe mascarar as feridas e imperfeições. Muito menos quero passar-lhe por cima com um cilindro (ético, estético, político...) para o aplanar e tornar mais agradável à vista (e ao ouvido) ou mais conforme aos gostos e apetites de alguns (políticos, críticos, programadores, gestores, amigos, colegas...). Não tenho nenhum respeito cerimonioso em relação ao Autor, seja lá ele qual for, até porque eu próprio também morro a partir de hoje, para que possa nascer o leitor-espetador. No entanto, deixemo-nos ficar aqui, de volta destes «textos», demoremo-nos um pouco na sua «leitura» e possa cada um de nós ler aquilo que quiser/conseguir.

MEDIADORES DA MORTE

Outra coisa que também já sabemos é que o papel do ator no teatro já teve melhores dias. Explico melhor: já há muito que alguns falam de um teatro livre do ator, entregue às máquinas, aos bonecos, aos mortos. Ao contrário de uns quantos, eu não odeio atores e não penso em livrar-me deles para continuar a fazer teatro. No entanto, neste trabalho que vou traçando (sempre inacabado e imperfeito), os atores – e aqui também os músicos, os bailarinos e todos os outros que possam habitar a cena com a sua performance – desempenham a função de mediadores, guiando-nos a nós, espetadores, na direção da cena, encantando-nos com a sua performance, deixando ressoar em si os sons que, durante a leitura individual e silenciosa, nos vão enchendo o cérebro. E, se o texto e o ator estão mortos, os atores (neste caso, o Ruben e o Pedro) emprestam-lhes a sua carne para que o cadáver (enrugado, pesado, demorado, desequilibrado) torne a viver. E é necessário tanta generosidade, tanto rigor, tanto fascínio, tanta humildade, tamanha criatividade, para fazer este trabalho de reanimação! Por isso, como poderia não gostar de atores. A estes eu devo tanto!

PEDRO ALVES

